



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CLAUDIA GISELE DE SOUZA

Características dos processos educativos em hospitais do Recife/PE

RECIFE

2021

CLAUDIA GISELE DE SOUZA

Características dos processos educativos em Hospitais do Recife/PE

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo professor Ms. Bruno Fernandes Alves.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S729c SOUZA, CLAUDIA GISELE DE
CARACTERÍSTICAS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS EM HOSPITAIS DO RECIFE-PE /
CLAUDIA GISELE DE SOUZA. - 2022.
39 f.

Orientador: BRUNO FERNANDES ALVES.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2022.

1. PRÁTICAS EDUCATIVAS. 2. PEDAGOGIA. 3. CLASSE HOSPITALAR. I. ALVES,
BRUNO FERNANDES, orient. II. Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

CLAUDIA GISELE DE SOUZA

**CARACTERÍSTICAS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS EM HOSPITAIS DO
RECIFE/PE**

Data da Defesa: 11 / 10 /2022

Horário: 16 horas

Local: Sala 6B - UFRPE (SEDE)

Banca Examinadora:

Prof./^a Dr/a. _____ - Orientador/a

Prof./^a Dr/a. _____ - Examinador/a Interno/a

Prof./^a Dr/a. _____ - Examinador/a Externo/a

Resultado: () Aprovado/a

() Reprovado/a

Dedico esse trabalho à minha tia Amara (in memoriam), que me criou e sempre desejou que eu fosse uma professora.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e à Espiritualidade Maior, pelas oportunidades de aprendizado que me foram concedidas nessa existência, para meu crescimento pessoal e evolução espiritual.

Agradeço às mulheres da minha família, especialmente minha mãe Maria do Carmo, que me criou e educou sem o apoio do meu pai. Às minhas tias Genésia e Amara (in memoriam) que ajudaram minha mãe a me criar e se doaram para me proporcionar tudo que estava dentro de suas possibilidades, para que eu tivesse uma boa educação e posteriormente acesso à universidade.

Agradeço à minha professora Cidinha Araújo, do Ensino Fundamental I, que foi uma grande referência de educadora, sempre com muita paciência e amorosidade no trato com seus alunos.

Agradeço ao meu orientador e professor Bruno Alves, por ter aceitado esse desafio de orientar um trabalho fora de área de atuação, como também por todo apoio e paciência que teve comigo nesse processo.

Agradeço aos funcionários do RU, melhor Restaurante Universitário do Brasil, pelo excelente atendimento. O RU foi fundamental em todos esses anos de graduação, onde muitas vezes tive que passar o dia inteiro na universidade.

Agradeço a mim mesma por não ter desistido, pelas noites mal dormidas, por ter quebrado algumas barreiras pessoais, para atingir esse objetivo. Mesmo acreditando que a área de educação deveria ser mais humanizada e que ninguém deveria ser “obrigado” a defender um TCC e muito menos ser julgado por isso, como se todo curso se resumisse a elaboração de uma monografia.

RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa acadêmica realizada em dois hospitais da cidade do Recife-PE, que oportuniza uma discussão sobre um campo de atuação do pedagogo que é pouco conhecido: o ambiente hospitalar. Tendo em vista que toda criança e adolescente têm direito à educação e não devem ser privados deste direito por ocasião de internação hospitalar, buscou-se esclarecer como ocorrem os processos educativos dentro dos hospitais do Recife-PE, tanto na classe hospitalar que é uma modalidade de ensino que atende numa sala de aula dentro do hospital, nos leitos ou na UTI; quanto nas brinquedotecas e demais espaços destinados às crianças hospitalizadas. O objetivo geral deste trabalho consistiu em caracterizar a organização do processo educativo em hospitais e quem atua nesses espaços. A pesquisa teve início com visitas às brinquedotecas encontradas nos espaços categorizados como Hospital A e Hospital B. E prosseguiu, de forma remota, através da aplicação de questionário sobre a atuação do pedagogo na classe hospitalar. Realizou-se uma análise temática com os resultados obtidos na coleta de dados, observando que apesar de possuir um papel importante na escolarização em ambiente hospitalar, não foram encontrados pedagogos atuando nas brinquedotecas e na classe hospitalar, nos hospitais do Recife-PE.

Palavras-chaves: Práticas educativas; Pedagogia; Classe hospitalar.

ABSTRACT

The present work deals with an academic research carried out in two hospitals in the city of Recife-PE, which provides an opportunity to discuss a field of activity of the pedagogue that is little known: the hospital environment. Considering that all children and adolescents have the right to education and should not be deprived of this right during hospitalization, we sought to clarify how the educational processes take place within hospitals in Recife-PE, both in the hospital class, which is a teaching that attends in a classroom inside the hospital, in beds or in the ICU; and in the toy libraries and other spaces for hospitalized children. The general objective of this work was to characterize the organization of the educational process in hospitals and who works in these spaces. The research began with visits to the toy libraries found in spaces categorized as Hospital A and Hospital B. And it continued, remotely, through the application of a questionnaire on the role of the pedagogue in the hospital class. A thematic analysis was carried out with the results obtained in the data collection, noting that despite having an important role in schooling in a hospital environment, no pedagogues were found working in the toy libraries and in the hospital class, in hospitals in Recife-PE.

Keywords: Educational practices; Pedagogy; Hospital class.

**RESUMO
ABSTRACT**

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|
| INTRODUÇÃO..... | - 9 - |
| CAPÍTULO I: PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO .. | - 12 - |
| 1 – SOBRE A PEDAGOGIA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO | - 12 - |
| 2 – CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR | - 14 - |
| 3 – A CRIANÇA HOSPITALIZADA E O DIREITO À EDUCAÇÃO | - 18 - |
| | |
| CAPÍTULO II: DESCOBRINDO ESPAÇOS EDUCATIVOS EM HOSPITAIS DO RECIFE-PE | - 21 - |
| | |
| CAPÍTULO III: CATEGORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR | - 23 - |
| | |
| CONSIDERAÇÕES | - 34 - |

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário: Características da atuação do pedagogo na escolarização hospitalar: um estudo em Hospitais do Recife/PE

INTRODUÇÃO

Os atuais modelos de ensino e aprendizagem são baseados nas características particulares das potencialidades e conhecimentos individuais dos alunos, visando se distanciar do modelo tradicional e positivista da educação, onde o professor era o único agente de propagação da informação e que a ciência era a única responsável por dar sentido à vida dos indivíduos. Desse modo, os modelos contemporâneos do processo educacional se constroem numa relação de troca com o aluno, a medida em que se torna perceptível que o ambiente educacional acontece em lugares diversos e não estão limitados apenas a sala de aula (SCHETTINI FILHO, 2010).

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações (BRANDÃO, 1981, p.7).

O objetivo da educação é desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. Read (2001, pág 6) observa que essa singularidade, “pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou a emoção – e, neste caso, a individualidade de um homem pode constituir um incalculável benefício para toda a humanidade”.

A pedagogia, enquanto ciência da educação, habilita o docente a lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental, na educação inclusiva, na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) e também nas funções de gestão, supervisão e coordenação escolar. A atuação deste profissional ultrapassa os muros da escola, pois também é possível atuar na fiscalização das questões legislativas relacionadas à educação e também aplicar seus conhecimentos em diversos outros espaços, como empresas, instituições públicas, hospitais e clínicas.

O pedagogo que desenvolve atividade em hospitais realiza acompanhamento educacional às crianças e adolescentes que se encontram em situação de internamento em vários hospitais brasileiros, ressaltando a importância de uma prática humanista, aproximando e ampliando as ideias dos profissionais da área de educação e saúde. O Ministério da Educação define classe hospitalar como

uma modalidade de ensino que atende na sala de aula que está no hospital, no leito ou na UTI, num ambiente que possibilita o atendimento educacional de crianças e adolescentes internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento de saúde (BRASIL, 1994). Segundo o Ministério da Saúde:

[...] hospital é a parte integrante de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação, capacitação de recursos humanos e de pesquisas em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente (BRASIL, 1977, p. 3.929).

Toda criança e adolescente tem o direito à educação e não deve ser privada deste direito por ocasião de sua internação hospitalar. Tendo em vista o alicerce legal, faz-se necessário que os hospitais tenham locais para que a categoria infanto-juvenil receba o atendimento educacional, que irá colaborar com o desenvolvimento intelectual e pedagógico. Motivadas por essa necessidade surgiram as primeiras classes hospitalares, que até os dias atuais objetivam incorporar a criança ou adolescente enfermo a sua nova rotina e minimizar o distanciamento com o mundo exterior, priorizando suas relações sociais.

O pedagogo possui uma função social muito importante nesse contexto hospitalar, interagindo com a equipe multidisciplinar. A classe hospitalar pode ser classificada como ambiente de educação não formal, pois segundo La Belle (1982, pág 2) define-se educação não-formal como "toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população".

As atividades realizadas na classe hospitalar tencionam prosseguir o desenvolvimento cognitivo do aluno/paciente através de atividades inclusivas e lúdicas e de interações com diversas áreas do conhecimento. Os profissionais da educação que atuam nesse ambiente de muito sofrimento, oferecem uma nova perspectiva de futuro, trazendo as salas de aula para o hospital.

Partindo-se deste pressuposto, delimita-se o problema de pesquisa que visa responder ao seguinte questionamento: como é organizado e quem atua no processo educativo nos espaços de escolarização em hospitais do Recife-PE?

Teve-se como objetivo geral para o desenvolvimento deste trabalho: Caracterizar a organização do processo educativo em hospitais e quem atua nesses espaços. Como objetivos específicos, buscou-se: 1 - Caracterizar os espaços de escolarização encontrados em hospitais do Recife-PE; 2 - Identificar os profissionais que atuam em brinquedoteca e classe hospitalar em hospitais do Recife-PE. .

A realização deste trabalho teve início através de pesquisa de campo em hospitais da cidade do Recife/PE, que possuem brinquedoteca e classe hospitalar. E prosseguiu sendo realizada de forma remota através da aplicação de questionários utilizando formulários Google da plataforma G suíte. Buscou-se ampliar a visão da sociedade para uma das diversas formas de atuação do pedagogo, bem como acerca dos inúmeros espaços que podem acolher este profissional, que é de suma importância para a construção de um mundo melhor.

Após a coleta de dados, foram realizados registros das respostas dos envolvidos na pesquisa, bem como registro das impressões pessoais do pesquisador, sobre os dados coletados e realizou-se uma análise temática com os resultados obtidos. Para a análise dos resultados, foram categorizados os seguintes dados: 1 - Caracterização dos ambientes de escolarização e práticas educativas em hospitais do Recife-PE; 2 - Entrevistas com profissionais que atuam em espaços de escolarização hospitalar.

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu através da vivência nos espaços educacionais, para atender as demandas práticas de diversas disciplinas, que desencadearam o desejo de conhecer outras áreas de atuação do pedagogo. Visto que ainda há muito a ser explorado em espaços não-formais de educação, o espaço hospitalar, assim como qualquer outro espaço que possibilite a construção do conhecimento, é um espaço representativo que precisa ser conhecido, conquistado e divulgado aos futuros profissionais da área de educação.

Este trabalho é importante para a construção do conhecimento acadêmico e profissional, pois visa trazer um tema novo, pouco discutido nos espaços formais de educação, porém bastante relevante e propício a desencadear reflexões e debates enriquecedores.

CAPÍTULO I

A PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO.

1 – SOBRE A PEDAGOGIA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO

A Pedagogia compreende os princípios e métodos de ensino, bem como as questões administrativas nos espaços educacionais. No entanto, a atuação do pedagogo vai muito além da escola, pois os assuntos educacionais ultrapassam a administração escolar e a docência. Este profissional trabalha, sobretudo, para buscar melhores condições para a educação, de forma bem ampla.

A origem da pedagogia, de acordo com Ghiraldelli (2006), remonta da Grécia antiga e compreende funções distintas daquelas que a caracteriza nos dias atuais:

Paidagogia designava, na Grécia antiga, o acompanhamento e a vigilância do jovem. O paidagogo (o condutor da criança) era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja a didascaléia, onde receberiam as primeiras letras, seja o gymnásion, local de cultivo do corpo. Nos nossos tempos, o termo pedagogia ganha outras conotações (GHIRALDELLI, 2006, pág. 08).

O pedagogo hoje é habilitado para lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental, trabalhando inclusive com alunos com necessidades especiais. Suas competências ultrapassam a docência, pois lhe caberá também acompanhar o processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo dos alunos, de forma coletiva e individual. No ambiente escolar, o pedagogo poderá ocupar inclusive, cargos administrativos, que consistem na orientação e coordenação de outros docentes.

De acordo com SILVA & ANDRADE (2013):

A escola deixou de ser o único espaço formal pensado para as ações empreendidas por esse profissional da educação; já que emergiram novos ambientes, inclusive não formais, possíveis à ação educativa. Alguns desses ambientes são: hospitais, presídios, ONGs, instituições de acolhimento de idosos, casas de assistência e cumprimento de medidas socioeducativas para adolescentes em liberdade assistida, empresas, movimentos sociais, bibliotecas, museus, fundações, associações, todos eles factíveis à atuação do pedagogo (SILVA & ANDRADE, 2013, pág. 17).

As duas áreas de atuação, mais conhecidas, deste profissional, são certamente a administração escolar e a docência. Poderá também atuar em órgãos

do governo, para fiscalizar as questões da legislação de ensino, no estado ou no país. Porém, o pedagogo pode aplicar seus conhecimentos em diversos outros espaços, como empresas, instituições públicas e também hospitais e clínicas.

Desse modo, faz-se necessário que o profissional de educação esteja em constante aperfeiçoamento e buscando se atualizar sempre em relação às novas tecnologias educacionais. Pois, as inúmeras transformações pelas quais a pedagogia vem passando, exigem um novo perfil profissional adequado a contemporaneidade.

Segundo Loiola (2013), a escola inclusiva caracteriza-se por reestruturar o currículo escolar, os métodos de ensino, os métodos de avaliação e agrupamento de alunos que garantam acesso e sucesso a todo tipo de criança; escolas que ofereçam suporte planejado para alunos e professores; professores que aceitem a responsabilidade de ensinar todas as crianças e que recebam total apoio da gestão, dos colegas e da comunidade para seu desenvolvimento contínuo.

A classe hospitalar está inserida na modalidade de educação especial, inclusiva, disponibilizando a prática do cotidiano escolar para crianças e jovens hospitalizados. De acordo com Silva (2013), o aluno com necessidades especiais, o qual apresentam complicações com relação às atividades curriculares por circunstâncias e restrições específicas de saúde se encaixam no perfil dos estudantes que demandam as práxis da educação inclusiva.

Essa descrição colaborou para o entendimento de que crianças e adolescentes em situação de internamento tenham o direito ao atendimento especializado para a aprendizagem e sejam reinseridos na classe regular posteriormente.

Guebert (2007) afirma que a educação inclusiva é baseada em um processo bilateral, no qual não vai haver diferenciação entre as pessoas, mas sim a igualar as oportunidades, sendo esse ponto fundamental para o sucesso no processo inclusivo, que irão ampliar as possibilidades como: disponibilização dos recursos adequados; vivências diferenciadas; utilização dos andamentos pedagógicos criativos, visando a construção do conhecimento e a expansão do entendimento de mundo das crianças.

2 - CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR

Para Gadotti (2005), a educação não formal é uma educação cujos limites são imprecisos, menos hierárquica e menos burocrática, visto que a temporalidade do processo de ensino aprendizagem é mais flexível, respeitando as diferenças culturais, biológicas e históricas.

Enquanto espaço de educação não formal, a classe hospitalar se preocupa em transmitir os conteúdos da educação formal, porém essa transmissão é desenvolvida em espaços alternativos e com metodologias e séries cronológicas diferenciadas, com atividades curriculares flexíveis, as quais são adaptadas à realidade do seu público alvo.

Gohn (2010) ressalta que um dos pontos relevantes da educação não formal é a exibição de conteúdos que permitem uma leitura de mundo considerando o ambiente em que se está inserido, fazendo com que o indivíduo reflita sobre o seu contexto. A autora ainda vai explicar que a educação não formal não substitui a formal, mas devem se complementar.

Tanto para Gohn (2010), quanto para Gadotti (2005) a troca de saberes e competências entre a educação formal e não formal, vai fazer com que o educador desenvolva de forma bem direcionada o modo como a educação será construída junto com o aluno. Além de ambas enfatizarem a flexibilidade como um dos princípios mais característico da educação não formal.

As atividades realizadas na classe hospitalar têm o propósito de dar continuidade ao desenvolvimento cognitivo do aluno/paciente apesar das enfermidades, por meio de atividades inclusivas e lúdicas, trabalhando as diferentes esferas do conhecimento. Os profissionais da educação intervêm no ambiente que é visto como impessoal e dão uma nova perspectiva de futuro, trazendo a sala de aula para o âmbito hospitalar.

No decorrer dos últimos anos, o ambiente hospitalar tem se tornado mais uma área de atuação do pedagogo, no qual vai buscar reparação dos “prejuízos” gerados pelo afastamento social e o sentimento de luto, que é causado pelo acometimento do paciente. As práticas educativas no ambiente hospitalar irão dispor de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas voltadas para uma recuperação mais aliviada da criança ou adolescente hospitalizado.

Rodrigues (2012) conceituou a escolarização hospitalar como uma vertente da educação que possibilita à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais tranqüila, além prevenir fracasso e evasão escolar, geradas pelo afastamento do aluno/paciente. Para ela, “a classe hospitalar foi criada com o objetivo de assegurar às crianças e aos adolescentes hospitalizados a continuidade dos conteúdos regulares, possibilitando um retorno após a alta sem prejuízos à sua formação escolar.” (RODRIGUES 2012, p. 42)

Já para Matos e Mugiatti (2009) as práticas educativas em ambiente hospitalar consistem em produções de conhecimento voltado para crianças e adolescentes em situação de internamento, ajudando no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, instaurando uma fonte de saber de apoio para o aluno/paciente.

Ressalta-se aqui a grande importância do esforço das instituições hospitalares ao abrirem esse novo e valioso espaço para a ação educativa na realidade hospitalar. Uma vez verificada a já existência, n os hospitais, de uma práxis pedagógica, conclui-se pela necessidade de uma contribuição especializada, sempre objetivando o melhor auxílio à criança ou adolescente hospitalizada em idade escolar (MATOS; MUGIATTI, 2009, p.67)

O processo de escolarização hospitalar sugere a continuidade dos conteúdos transmitidos nas salas de aula do ensino regular, buscando uma ponte entre a vida escolar da criança ou adolescente antes do fenômeno de adoecimento e a presente situação na qual ela se encontra. Por mais que o paciente tenha particularidades com relação ao seu tratamento, é de extrema relevância explicar que esse fato não é um impedimento para que o mesmo possa dar continuidade com seus estudos, contanto que o aluno/paciente demonstre interesse, condições físicas e emocionais, além de terem a autorização dos responsáveis e da equipe médica para tal.

Nesse contexto, Fonseca (2003) definiu o papel do professor como o criador de estratégias que irão auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos/pacientes ao contextualizar as experiências vivenciadas durante o período de internação. Porém, o professor precisa estar habilitado para compreender as indicações pessoais das crianças. Ainda de acordo com Fonseca, o professor “deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis,

mutuantes, constantemente reorientado pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar.

Castro (2014) ampliou essa ideia afirmando que durante a atuação dos professores no ambiente hospitalar é possível trabalhar com diferentes âmbitos na construção do conhecimento, tendo como protagonistas os alunos/pacientes, pais/responsáveis e a equipe de saúde. Além de dividir as aulas em quatro modalidades, de acordo com a tabela 1.

Tabela 1. Classificação das modalidades de escolarização hospitalar.

| | |
|----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Multisseriada | os professores vão utilizar um espaço na unidade de saúde como sala de aula, vão dividir os alunos em grupo por séries e as aulas irão ser ministradas de forma simultânea; |
| Individual ou leitor | os atendimentos ocorrem na própria enfermaria, onde vai haver a necessidade de adaptações do material para ser usado nesse ambiente; |
| Isolamento | essa modalidade exige que o professor utilize máscaras, luvas e avental e todo o material precisa ser higienizado a cada troca de quarto; |
| Classe Hospitalar | as aulas são diárias, a turma é relativamente fixa, o ambiente idêntico à sala de aula e haverá um contato com as escolas de origem dos alunos/pacientes. |

Fonte: Castro (2014).

Como a classe hospitalar está inserida em um ambiente temporalmente diferenciado, no qual sua conjuntura de aprendizagem se diferencia da rotina nas instituições de ensino regular e os alunos/paciente além de serem rotativos (passam um período de tempo frequentando a classe hospitalar, e em seguida pode voltar a sua escola de origem), também apresentam suas particularidades em relação ao tratamento.

Para Matos e Mugiatti (2009) as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar não podem ser fidedignas as práticas encontradas no ambiente escolar. Essas práticas, portanto, devem focar nas inúmeras possibilidades para o desenvolvimento dos alunos e na ampliação das habilidades criativas do pedagogo/educador, a qual deve trazer uma intervenção docente que promova a

convergência entre educação e saúde. Sendo assim o educador deve refletir sobre as ações pedagógicas, da mesma maneira que oferecer uma atuação voltada para as necessidades e particularidades de cada criança e adolescente internado.

Uma das questões que difere a classe hospitalar da escola regular, é que esta última é uma organização composta tanto por grupos homogêneos, quanto por grupos diversificados como no caso das classes multisseriadas, onde o professor trabalha na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente. No caso da classe hospitalar, o educador deve estar preparado para o fato de que sempre haverá heterogeneidade em uma turma multisseriada. Nesse caso, o docente terá que lidar com alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes, utilizando-se de variadas ferramentas, com estimulações visuais, brinquedos, jogos e músicas sendo conciliadas com os conteúdos a serem trabalhados.

De acordo com Rodrigues (2012), as práticas pedagógicas presentes no ambiente hospitalar têm um poder de serem mutáveis (criar, recriar, intervir e transformar), ao romper com a “doutrina” didática tradicional. Além de explicar sobre a importância da formação diferenciada em espaços de educação não formal, para que sejam compreendidos e valorizados como um lugar onde a educação também perpassa.

3 - A CRIANÇA HOSPITALIZADA E O DIREITO À EDUCAÇÃO

A Pedagogia aplicada ao ambiente hospitalar surgiu para assegurar um direito dos sujeitos que se encontram hospitalizados e consiste numa prática de inclusão com foco na humanização do atendimento hospitalar, para com aqueles que precisam se afastar do convívio social, para se dedicarem a tratamento de saúde por um determinado período.

Partindo do pressuposto de que os alunos/pacientes terão que se habituar a nova rotina dentro do hospital (a qual é marcada por dores, desconforto, angústias e sofrimento tanto da criança que está hospitalizada quanto de seus familiares), também são considerados incapazes de dar prosseguimento aos seus estudos por uma parcela significativa da sociedade. Esse julgamento faz com que as crianças e adolescentes sofram uma exclusão social, denominada “enfermidade social” (termo referente ao distanciamento das relações estabelecidas do paciente antes da situação de internamento).

De acordo com Vasconcelos (2007), a vulnerabilidade emocional apresentada por essas crianças e adolescentes fragiliza a compreensão das coisas reais e faz com que neguem a possibilidade de aprender, mudar o mundo e se transformar. Essa negação pode ter efeitos prejudiciais porque as crianças e os jovens não acreditam que têm mais potencial e potencial para mudar a si próprios. Além disso, é certo que a hospitalização prejudicará a continuidade escolar, levando-os ao abandono, atrasos escolares e até repetência.

Sabendo-se que toda criança e adolescente tem o direito à uma educação de qualidade, não devendo ser privada deste direito por ocasião de internação hospitalar. De acordo com o MEC no documento intitulado “Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar” a Secretaria de Educação Especial se propôs a oferecer estratégias e orientações para o atendimento pedagógico, ao afirmar que:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo (BRASIL, 2002, p. 22).

De acordo com a Professora Ms. Luzia Cabreira (2007), a atuação do pedagogo, no ambiente hospitalar, pressupõe uma prática pedagógica que vá de encontro com o contexto educacional em que está inserida a criança, observando-se a perspectiva teórica da escola e a série em que a criança está matriculada. Também devem ser levados em consideração, o tempo de internação e de afastamento da escola, para que seja organizado o cronograma de atividades que serão utilizadas com a criança.

O pedagogo possui um papel fundamental na educação em espaços não formais, pois assume uma função social no contexto hospitalar, sendo capaz de propiciar aprendizagem através da ludicidade, como também colaborar no acolhimento às famílias, trabalhando em equipe multidisciplinar.

Os profissionais de saúde podem ajudar sobremaneira no planejamento das ações do pedagogo, conferindo-lhe informações sobre o estado de saúde das crianças e dos adolescentes, subsidiando a sua avaliação no sentido de verificar as condições deles frequentarem a brinquedoteca ou a classe hospitalar, ou de decidir se as atividades poderão ser desenvolvidas no leito, no caso da impossibilidade dos sujeitos se dirigirem aos espaços assinalados (SILVA & ANDRADE, 2013, pág. 21).

Segundo Matos & Mugiatti (2009), existem dois procedimentos pedagógicos que podem ser desenvolvidos no ambiente hospitalar: hospitalização escolarizada e classe hospitalar. O primeiro consiste no atendimento particular à crianças, levando em consideração o ano escolar, e realizando atividades específicas de acordo com a orientação da escola. O segundo consiste em cuidar conjuntamente de várias crianças da sala de aula do hospital, sem ter que separá-las de acordo com a idade e série, ao invés de cuidar de cada criança.

O processo de adoecer, sobretudo na criança, se caracteriza como algo extremamente violento, assim como para aqueles que nutrem algum tipo de afetividade para com a mesma. O direito de acesso do paciente é negado e o paciente deve obedecer aos regulamentos do hospital. Além disso, a própria estrutura do paciente o impede de se mover facilmente, adaptando-o ao tratamento e à instituição.

Após o diagnóstico, inicia-se o tratamento e isto irá implicar numa total transformação na rotina da criança e dos familiares mais próximos. Primeiro o afastamento do ambiente escolar, em caso de internação, como também do convívio

com os colegas e amigos. Em seguida, o processo de tratamento em si, que muitas vezes além de doloroso, é desumanizado. Certamente, além do físico, as doenças abalam o emocional e o psicológico do sujeito, o que certamente pode implicar no adoecimento também, de pessoas próximas.

Para Rogers (1969), devemos tentar compreender o aluno, ser congruente com ele, enxergá-lo para além de um aluno numa sala de aula, mas também como um ser humano, com emoções. Rogers ainda acrescenta:

A aprendizagem autêntica supõe que o assunto seja percebido pelo estudante como pertinente em relação aos seus objetivos. Esta aprendizagem se efetiva mais rapidamente quando o indivíduo busca uma finalidade precisa e quando ele julga os materiais didáticos que lhe são apresentados como capazes de lhe permitir atingi-la mais depressa (ROGERS 1969, p. 114).

Segundo Vygotsky (1987) o sujeito não é apenas ativo, mas interativo por formar o conhecimento a partir das relações intrapessoais e interpessoais. Nesse contexto é explanado três características da construção desse conhecimento: a internalização de relações sociais e a resignificação do que foi internalizado; a mediação do pensamento e da ação; e o controle do pensamento e da ação.

CAPÍTULO II

DESCOBRINDO ESPAÇOS EDUCATIVOS EM HOSPITAIS DO RECIFE-PE

A pesquisa é de natureza descritiva e qualitativa e caracterizou-se inicialmente por uma visitação a espaços educativos e a classe hospitalar, integrantes de hospitais localizados na cidade do Recife/PE. Adequando-se à rotina da ala pediátrica dos referidos hospitais, foi possível realizar registros, tirar fotos e conversar com funcionários e voluntários.

De acordo com Bardin (2011), a pesquisa qualitativa reporta a questões muito particulares trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Este estudo de natureza descritiva, pois tem por objetivo analisar além do descrito buscando as relações entre as partes que foram decompostas para chegar a uma compreensão que vão além do descrito e analisado. Essa abordagem se adapta melhor ao objeto estudado, pois relaciona o significado e a opinião dos acompanhantes acerca do cuidar.

No entanto, a metodologia da pesquisa sofreu alterações durante o percurso, pois foi necessário dar continuidade às investigações através de questionário aplicado aos docentes que atuam ou atuaram na classe hospitalar. O questionário foi elaborado no formato online (formulários Google), de modo a atingir os objetivos delimitados previamente no início da pesquisa. Em decorrência da pandemia do COVID-19, as aulas na classe hospitalar passaram a ser ministradas no formato remoto e as observações no hospital foram restringidas.

Realizou-se revisão de literatura científica e bibliográfica, que consistiu em leitura e fichamento de textos pertinentes ao tema pesquisado, fazendo uma ponte entre os conceitos dos diversos autores, tais como: Elizete Lúcia Moreira Matos, Eneida Simões da Fonseca, Margarida Maria Teixeira de Freitas Mugiatti, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gonh, entre outros, sobre o tema em questão. Tendo por finalidade investigar as diferentes contribuições científicas sobre o tema pesquisado, para fundamentar ou contrapor suas argumentações, enriquecendo desta maneira o trabalho do autor da pesquisa.

Foram utilizadas as bases de dados a seguir: Scielo (Scientific Eletronic Library Online), PubMed e MedLine assim, como também são utilizadas as mais diversas literaturas referentes à escolarização em ambiente hospitalar. Servindo-se

dos descritores: Pedagogia, Práticas educativas em hospitais, Brinquedotecas, Educação não formal, Classe hospitalar. Considerando-se os autores que produziram as temáticas mais relevantes sobre o tema da pesquisa, entre diversos outros autores reconhecidos no âmbito da pedagogia aplicada ao ambiente hospitalar.

O campo da pesquisa onde este trabalho foi desenvolvido foram dois hospitais, ambos localizados na cidade do Recife/PE, por serem hospitais de referência e que possuem profissionais que atuam em equipe multidisciplinar para escolarização associada ao tratamento de crianças hospitalizadas. Os sujeitos da pesquisa são duas profissionais que atuam com escolarização de crianças em ambiente hospitalar. Dos questionários que foram enviados, apenas estas duas profissionais se dispuseram a responder e colaborar com a pesquisa. Para preservar a identidade de funcionários, os nomes dos respectivos hospitais campos da pesquisa, não foram citados neste trabalho. Serão denominados Hospital A e Hospital B.

O Hospital A é uma das maiores unidades de saúde pública do Estado de Pernambuco, considerado uma unidade de referência na região metropolitana do Recife. Fundado em 1969, atende diariamente, em média, 200 crianças. As crianças e acompanhantes são muito bem acolhidos. Práticas pedagógicas diversificadas são realizadas a cada dia da semana, respeitando o calendário de feriados e datas comemorativas nacionais e regionais. Como também são realizadas oficinas de arte, contação de história, dramatizações, entre outros.

O Hospital B é um hospital universitário que atende a região metropolitana do Recife. Fundado em 1884, o hospital possui um setor de oncologia pediátrica, que conta com o apoio de uma ONG. No ano de 2015, através de um convênio assinado por essa ONG e a Prefeitura do Recife, o Hospital B tornou-se o primeiro a ter o serviço de Classe Hospitalar do Estado de Pernambuco. Recebendo recursos do Instituto Ronald McDonald (IRM), para sua construção e instalação, proporciona atendimento educacional especializado às crianças, adolescentes e jovens com câncer atendidos no Centro de Oncohematologia Pediátrica do Hospital.

Os dados foram coletados dados nas visitas realizadas aos hospitais, que ocorreram antes da pandemia do Covid-19. No período da pandemia, as atividades passaram a ser remotas e as observações foram interrompidas. Os dados coletados foram analisados na metodologia de análise temática, no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III

CATEGORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR

1. Categorização dos Espaços Educativos -

O primeiro campo da pesquisa é o Hospital A e possui 1 brinquedoteca. O segundo campo da pesquisa é o Hospital B e possui 2 brinquedotecas e 1 classe hospitalar.

1.1 Primeiro campo da pesquisa – Hospital A

O Hospital A é uma das maiores unidades de saúde pública do Estado de Pernambuco, considerado uma unidade de referência na região metropolitana do Recife. Fundado em 1969, atende diariamente, em média, 200 crianças, muitas delas passam brinquedoteca, mesmo que seja só no momento em que esperam a consulta ambulatorial. O espaço funciona de segunda a sexta, em dois turnos. No Hospital A, a ONG atende mensalmente, 3.350 pacientes e acompanhantes em sua Brinquedoteca.

Esta unidade hospitalar, conta apenas com uma única brinquedoteca. Reinaugurada em maio de 2006 e administrada atualmente por uma ONG de São Paulo, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Este espaço de recreação, voltado para as crianças internadas no hospital, passou por uma reforma física e organizacional e agora conta com um acervo lúdico com 1200 brinquedos educativos, fantasias e um mini palco, além de uma biblioteca com 400 livros.

O espaço atende atualmente às exigências da lei estadual, mas a responsável pela brinquedoteca deseja expandir o atendimento na unidade, assim que aumentar o número de voluntários que se disponibilizem a ficar com as crianças nos finais de semana, principalmente nos domingos e também à noite, quando o espaço permanece fechado.

A Brinquedoteca é supervisionada por uma pedagoga, que oferece formação aos funcionários e voluntários da brinquedoteca, uma vez por mês aos sábados. Os

voluntários que atuam na brinquedoteca devem ser ligados diretamente à ONG responsável pela administração do espaço e precisam participar das formações e eventos organizados por ela.

A ONG desenvolve diversos projetos para humanizar o atendimento em hospitais públicos, utilizando-se de atividades lúdicas realizadas nas brinquedotecas, oficinas de artes plásticas e interação com a figura do palhaço. Chegando a interagir mensalmente, com mais de trinta mil pessoas entre pacientes, acompanhantes e profissionais da área de saúde, de forma digna e calorosa.

Brinquedoteca 1



Imagem 1 – Brinquedoteca 1.

Fonte: <http://portal.saude.pe.gov.br>

As crianças e acompanhantes são muito bem acolhidos e tratados de forma amorosa. A grande dificuldade encontrada pela fundadora do projeto é a disponibilidade de voluntários, pois são muitas crianças e adolescentes atendidos diariamente e poucas pessoas para dar suporte às atividades realizadas. O projeto não beneficia apenas os pacientes, acompanhantes e profissionais da área de saúde, mas também os voluntários, que além de receberem formações gratuitas, enriquecem muito sua vida pessoa, vivenciando experiências únicas de amor, cuidado e superação.

As atividades podem acontecer de forma livre, adequando-se a realidade e condições físicas dos pacientes, mas também podem seguir uma programação organizada pela idealizadora do projeto. Práticas pedagógicas diversificadas são realizadas a cada dia da semana, respeitando o calendário de feriados e datas comemorativas nacionais e regionais. Como também são realizadas oficinas de arte, contação de história, dramatizações, entre outros.

1.2 Segundo campo da pesquisa – Hospital B

O Hospital B é um hospital universitário que atende a região metropolitana do Recife. Fundado em 1884, o hospital possui um setor de oncologia pediátrica, que conta com o apoio de uma ONG, que administra duas brinquedotecas. A primeira brinquedoteca inaugurada no ano de 2005 é direcionada a atender diariamente, uma média de 24 pacientes em situação de internamento. A segunda brinquedoteca, inaugurada no ano de 2006, é responsável por dar assistência, a cerca de 70 pacientes ambulatoriais, diariamente.

No ano de 2015, através de um convênio assinado por essa ONG e a Prefeitura do Recife, o Hospital B tornou-se o primeiro a ter o serviço de Classe Hospitalar do Estado de Pernambuco. Recebendo recursos do Instituto Ronald McDonald (IRM), para sua construção e instalação, proporciona atendimento educacional especializado às crianças, adolescentes e jovens com câncer atendidos no Centro de Oncohematologia Pediátrica do Hospital.

As aulas acontecem no turno da tarde, enquanto a manhã fica reservada para atendimentos individuais e atividades de planejamento. A equipe de profissionais que atuam neste projeto inclui uma professora pedagoga, uma coordenadora técnica e uma coordenadora científica, em parceria com a equipe multiprofissional do hospital, psicólogo, assistente social e a Coordenação de Voluntariado do Hospital B.

No entanto, os espaços escolhidos para a realização da pesquisa, foram duas brinquedotecas localizadas no ambulatório e na enfermaria da oncologia pediátrica, respectivamente. A ONG responsável pela administração das duas brinquedotecas atua sem fins lucrativos ou econômicos, há mais de 20 anos, na assistência humanizada às crianças, adolescentes e jovens, que estão em

tratamento contra o câncer. Além das ações de assistência social, também desenvolve projetos de prevenção e humanização do tratamento.

A Entidade responsável pela administração da brinquedoteca assume muitas vezes o custeio do tratamento de pessoas, oriundas inclusive de outros Estados, que procuram o hospital e não tem condições de arcar com as despesas de locomoção. Além do atendimento humanizado, atende a situações que o poder público muitas vezes não conseguiria atender, em tempo hábil. Acredita-se que humanizar, não é possível, sem oportunizar o tratamento público ao qual paciente precisa ser submetido. Assim sendo, assume uma grande responsabilidade, para garantir a humanização no tratamento de crianças e adolescentes com Câncer.

Brinquedoteca 2



Imagem 2 – Brinquedoteca 2

Fonte: autoria própria (2019)

O espaço lúdico, que visa diminuir o sofrimento provocado pelo tratamento de quimioterapia e radioterapia é chamado de Brinquedoteca da Oncologia Pediátrica. Recebe crianças e adolescentes de 4 a 14 anos e conta com o apoio de uma entidade filantrópica sem fins lucrativos, de um laboratório farmacêutico, de uma famosa loja de brinquedos (que doa mensalmente todos os brinquedos com pequenas falhas ou arranhões, impróprios para a venda), entre outros. Atendem a

este projeto: médicos, funcionários, professores, estudantes e pais de pacientes do Centro de Oncologia Pediátrica do hospital.

No entanto, no espaço da brinquedoteca só há uma única funcionária. A mesma não tem formação superior, apenas cursos como recreadora e coordena uma equipe de voluntários que é responsável tanto por essa brinquedoteca, quanto pela brinquedoteca ambulatorial que será citada mais adiante.

Inaugurada no ano de 2005 e mantida com contribuições financeiras ou de produtos e serviços, a brinquedoteca ainda conta com recursos obtidos através da promoção de eventos e da revenda de roupas e equipamentos doados que são comercializados em bazares internos. A idealizadora do projeto é uma médica oncologista pediatra, porém atualmente outra médica assume a presidência da instituição. Em virtude do crescente número de pacientes atendidos, o espaço tornou-se pequeno e veio a necessidade da construção de outra brinquedoteca, exclusiva para o atendimento ambulatorial.

Brinquedoteca 3



Imagem 3 – Brinquedoteca 3

Fonte: autoria própria (2019)

Inaugurada no ano de 2006, este espaço surgiu para atender à demanda dos pacientes da ala pediátrica, que não se encontram em internação. Os pacientes, que muitas vezes vêm do interior do Estado, passam o dia no hospital realizando consultas e exames e tanto as crianças quanto os acompanhantes, são beneficiados pela brinquedoteca ambulatorial. Pois, enquanto os pais realizam exames e

consultas, as crianças ficam em ambiente seguro, recebem lanches, assistem a filmes infantis e realizam atividades lúdicas.

Este espaço funciona apenas no horário da manhã, onde a responsável pela coordenação da brinquedoteca elabora semanalmente uma programação de atividades de pintura, desenho, massa de modelar, brincadeiras, jogos, filmes etc. A mesma relata que algumas crianças quando sabem que é o dia da consulta ou exame periódico, se motivam a vir para o hospital apenas para estar na brinquedoteca. Algumas mães afirmam que conseguem convencer os filhos de acordar cedo e muitas vezes, viajar para a consulta hospitalar, porque usam o argumento de que eles brincarão na brinquedoteca.

A maior necessidade de manter as duas brinquedotecas funcionando ao mesmo tempo, em período integral, é em relação a aumentar o número de voluntários. Tendo em vista que cada voluntário se responsabiliza apenas por um turno, um dia na semana, há dias que têm vários e há dias que a funcionária se desdobra para atender a demanda de crianças no hospital.

Para ser voluntário nas brinquedotecas do Hospital B é necessário ser maior de 18 anos, ter no mínimo o Ensino Fundamental I e ter disponíveis quatro horas na semana: manhã ou tarde. O perfil do voluntário é alguém com interesse em trabalhar em grupo, oferecendo apoio aos pacientes e seus familiares tanto em atividades internas como nas brinquedotecas de ambulatório e enfermaria, quanto nas atividades externas: eventos, bazares, feiras etc. Para começar a atuar como voluntário deverá passar por um período de treinamento e depois estará apto para desenvolver as diversas atividades.

As informações sobre as duas brinquedotecas do hospital B, foram repassadas via email pela coordenadora dessa atividade, porém como a mesma se encontrava afastada em licença médica, durante vários meses, não foi possível entrevistá-la. A sua monitora permitiu que fossem realizados os registros das imagens e esclareceu algumas dúvidas, durante as visitas que foram realizadas no início da pesquisa.

Observou-se que as pessoas que se voluntariam para atender as crianças são de diversas profissões e nenhuma é da Pedagogia. A maioria delas, disponibiliza apenas 1 dia na semana para esse trabalho, portanto não foi possível ter acesso a todas elas. As crianças atendidas, nos dois hospitais possuem faixa etária bem diversificada, variando geralmente entre 4 a 12 anos de idade.

Classe Hospitalar



Fonte: www.folhape.com.br/noticias-/educacao-de-criancas-com-cancer-ganha-sala-especial-no-recife/113398/

A classe hospitalar (hospital B) recebeu recursos do Instituto Ronald McDonald (IRM), para sua construção e instalação. Proporciona atendimento educacional especializado às crianças, adolescentes e jovens com câncer atendidos no Centro de Oncohematologia Pediátrica do Hospital.

As informações sobre a classe hospitalar, foram repassadas pela entrevistada B. Embora não tenha detalhado que tipo de formação complementar o pedagogo precisa ter para atuar na classe hospitalar, a professora ressalta que o profissional precisa estar preparado para lidar com situações que diferem daquelas que acontecem na educação regular.

A Instrução Normativa nº 10/ 2015 (ver anexo 2) que dispõe sobre normatização do atendimento pedagógico-hospitalar no município de Recife, determina em seu Art. 7º que “o professor regente deve ser profissional graduado formado em Pedagogia para os estudantes pacientes dos anos iniciais do ensino fundamental, ou em licenciatura para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, preferencialmente especialista ou pós-graduado *latu senso* em educação especial.

As aulas acontecem nos dois horários: manhã, com atendimento pedagógico na sala com grupos de estudantes e, à tarde no leito para os estudantes impossibilitados de se deslocar para a sala. Realiza-se o planejamento no dia destinado a hora aula atividade, no turno da tarde. Enquanto a manhã fica reservada para atendimentos individuais e atividades de planejamento. A equipe de profissionais que atuam nesta modalidade de ensino é composta por três professoras da rede municipal de Recife, duas realizam o atendimento pedagógico e a outra organiza a parte de coordenação e gestão. Inclui uma pedagoga, uma coordenadora técnica e uma coordenadora científica, em parceria com a equipe multiprofissional do hospital composta por psicólogo, assistente social e a coordenação de voluntariado do hospital (Entrevistada B).

A comunicação entre a classe hospitalar e as escolas de origem evita que a criança não perca o ano letivo, contribuindo para diminuição da evasão escolar, tendo em vista que a escola envia atividades e avaliações que são aplicadas pelas(os) pedagogas(os), as quais elaboram e enviam os registros de aula para as escolas como comprovante do desenvolvimento que a criança está tendo no hospital.

Desse modo, quando os alunos/pacientes acabam o tratamento podem voltar a frequentar as escolas de origem sem apresentar grandes defasagens para acompanhar os demais colegas. Porém algumas escolas não se preocupam em mandar o histórico e as atividades dos alunos, então é realizada uma avaliação que diagnosticará o nível em que o aluno se encontra e traçar estratégias para melhorar o desenvolvimento individual do mesmo com materiais personalizados.

Essa comunicação é de extrema relevância para o prosseguimento do desenvolvimento pedagógico dos alunos/pacientes, já que essa colaboração entre a classe hospitalar e as escolas de origem tenciona o estabelecimento de uma base curricular para esse estudante. Cabe ao educador presente na classe hospitalar manter uma comunicação com o docente da escola de origem do aluno/paciente (FONSECA, 2008).

2. Profissionais que atuam na Escolarização Hospitalar -

Em relação ao gênero, todas as pessoas entrevistadas ou observadas atuando nas brinquedotecas e na classe hospitalar, eram do gênero feminino. As pedagogas que trabalham nos dois hospitais atuam como gestoras. O contato com ambas foi muito breve, na maior parte através de emails e ligações telefônicas apenas para que elas permitissem o acesso ao hospital, para realizar a pesquisa.

2.1 Entrevistada A – Hospital A

A primeira entrevistada é pedagoga e coordena um projeto que atua em brinquedotecas por todo país. O projeto visa amenizar o sofrimento de crianças hospitalizadas na ala de pediatria oncológica e também oferecer suporte aos filhos de pacientes do hospital, que enquanto os pais estão sendo atendidos, ficam sob os cuidados das voluntárias do projeto, na brinquedoteca do hospital.

A Entrevistada A repassou as informações sobre o projeto que coordena e sobre o funcionamento da brinquedoteca do Hospital A. Porém não pôde responder ao questionário aplicado sobre classe hospitalar, porque nunca atuou na área.

2.2 Entrevistada B – Hospital B

A segunda entrevistada é uma professora que implantou a primeira e única classe hospitalar do Recife, até o presente momento. A profissional iniciou sua vida acadêmica com Licenciatura em Moral e Cívica, curso que foi extinto antes que a mesma pudesse concluí-lo. Portanto, esta teve que migrar para outro curso e como teria um número maior de disciplinas aproveitadas no curso de Serviço Social, acabou optando por este. A mesma fez três especializações na área de educação, inclusive pedagogia hospitalar e atualmente está cursando o mestrado em Educação.

A entrevistada que fundou a classe hospitalar, tem 8 anos de atuação na área que o mesmo tempo que a classe está em atividade. A mesma foi aprovada num concurso da prefeitura do Recife de nível médio para magistério e passou a trabalhar na classe hospitalar. Esta, embora não seja graduada em pedagogia,

cursou o antigo curso de magistério e reforça a importância da presença do pedagogo em hospitais.

O fato de estar em tratamento de saúde, não impede de que conhecimentos novos sejam alcançados pela criança e o adolescente hospitalizado. A educação hospitalar, através de um processo de inclusão, busca a socialização da criança, dando continuidade a sua aprendizagem (LOIOLA, 2013, p.32).

Sobre o funcionamento da classe hospitalar, a professora respondeu que

Em Recife, a classe hospitalar é um espaço de educação formal, que objetiva dar continuidade a escolarização, no período de internamento para tratamento de pacientes com câncer. Eles mantêm a matrícula na escola de origem, no entanto devido ao tratamento que os impossibilita de freqüentar a escola, dão continuidade aos estudos no ambiente hospitalar.

Em relação a formação complementar que o pedagogo precisa ter para atuar em hospitais, a professora afirmou que

Existem diversas pós-graduações nessa área. Um professor que vai atuar na classe hospitalar precisa se preparar, pois irá lidar com diversas intercorrências no âmbito hospitalar, pois o ambiente é peculiar. O profissional irá lidar com a dor, o sofrimento, o óbito, com o ambiente hospitalar em si e precisar se preparar emocionalmente para isso. E deve estar sempre em formação continuada. São vários saberes que se tornam necessários para atuar em classe hospitalar. (Entrevistada B)

A organização didático-pedagógica das atividades educacionais realizadas em um hospital precisa levar em consideração as especificidades dessa modalidade, relativas a elaboração do conteúdo e das avaliações. Sobre essa questão, a professora informou que

Os alunos vem de várias escolas da rede municipal, estadual ou privada. A primeira coisa a se fazer é entrar em contato com essas escolas para ver o que está sendo trabalhado com essas crianças na escola de origem. Em seguida, a criança será avaliada para verificar a sua aprendizagem. A partir daí será feito um planejamento para dar continuidade a seus estudos. No entanto esse planejamento pode ser ressignificado de forma dinâmica, individualizada, pois deve se levar em consideração o estado de saúde física e emocional da criança, para o desempenho das atividades (Entrevistada B) .

A entrevistada também foi indagada sobre de que maneira é realizada a avaliação dos alunos:

O objetivo da classe é da continuidade à escolarização. A avaliação é diária, para que quando a criança volte para a escola, a aprendizagem não esteja defasada. Algumas escolas mandam a avaliação, a criança faz e a gente devolve à escola. Tem que ser uma avaliação própria para aquele estudante, até mesmo porque ele pode não conseguir finalizar uma prova por causa do seu tratamento. Começa num dia, termina no dia seguinte. Enfim, o tempo pedagógico na escola é diferente do tempo pedagógico no hospital.

A classe hospitalar do hospital B é multisseriada. Portanto, por se tratar de crianças de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem, a professora enfatiza que o planejamento é individualizado e avaliação também. A mesma afirma que existe autonomia para realização da avaliação:

A gente trabalha da nossa forma. Como escola da prefeitura, a gente segue o calendário da prefeitura, utilizando os conteúdos que a aquela criança precisa para a sua escolarização. A classe hospitalar é agora uma escola municipal do Recife.

Em se tratando das diferenças encontradas na atuação do pedagogo na educação regular e na escolarização hospitalar. Como também os aspectos positivos e negativos da atuação do pedagogo em hospitais, a entrevistada respondeu:

A gente tem várias dificuldades. Uma delas é o contexto do ambiente, onde você vai ter que desenvolver saberes específicos. A outra dificuldade é estar com uma criança e ter outra chorando, gritando...O ambiente hospitalar é muito desafiador. Uma hora tem uma criança chorando, outra hora, o soro acaba e a gente precisa chamar uma enfermeira. Não existe nenhum suporte do hospital, pois a gente não é da área de saúde, somos da área de educação. Quem é responsável pela classe é a Secretaria de Educação do Recife.

CONSIDERAÇÕES

A motivação para esse trabalho surgiu da necessidade de investigar quais as possibilidades de atuação do pedagogo em espaços não-escolares, como o ambiente hospitalar. Visto que esta temática ainda é pouco discutida nos espaços formais de educação, a pesquisa teve como objetivo geral caracterizar a organização dos processos educativos em hospitais do Recife e quem atua nesses espaços.

A metodologia aplicada foi inicialmente uma pesquisa de campo, com visitas realizadas aos espaços de escolarização de dois hospitais do Recife-PE e teve continuidade, em decorrência da pandemia do COVID-19, através de questionário aplicado por meio de formulário Google da plataforma G suíte. Quando a pesquisa estava em andamento, ocorreu a pandemia do COVID-19, que durou 2 anos e dificultou o acesso aos hospitais. As atividades na classe hospitalar passaram a ser remotas e as visitas às brinquedotecas foram restringidas para evitar o contágio.

Após a coleta, realizou-se uma análise temática com os resultados obtidos, onde os dados foram divididos entre caracterização dos ambientes de escolarização e entrevistas com profissionais que atuam nesses espaços. Os objetivos específicos foram alcançados, visto que foi possível caracterizar os espaços de escolarização encontrados em hospitais do Recife-PE e também identificar quem são os profissionais que atuam nas brinquedotecas e na classe hospitalar em hospitais do Recife-PE.

Observou-se que as práticas pedagógicas e atividades lúdicas desenvolvidas em brinquedotecas dos hospitais do Recife podem contribuir de maneira significativa na reabilitação de crianças hospitalizadas. Pois, muitas delas que estavam em tratamento nos hospitais, nunca haviam tido antes a oportunidade de ter contato com brinquedos dos mais diversos e variados, de marcas famosas, como também de interagir com brinquedistas, palhaços, recreadores, que trazem o lúdico e a fantasia, tirando-os de um universo triste onde a doença inevitavelmente, os coloca.

A única dificuldade encontrada no desenrolar da pesquisa foi, realmente, interagir com crianças e acompanhantes – isso só seria possível realizando cadastro como voluntária e disponibilizando um dia fixo semanal para o desempenho das atividades. Devido às demandas pessoais, não foi possível se comprometer de

forma mais efetiva, com a rotina das brinquedotecas, tendo que para isso, participar de eventos, formações, cursos etc.

Observou-se que as atividades vivenciadas pelos estudantes na classe hospitalar causam influências positivas no seu cotidiano. Visto que as atividades exercem um papel significativo na rotina dos alunos/pacientes tanto na inibição do retardamento do desenvolvimento cognitivo (evitando um deficit no processo de aprendizagem), quanto no auxílio no tratamento, por meio da relação colaborativa entre os profissionais da área de saúde e os profissionais de educação, que priorizarão a saúde do paciente e criar estratégias para a efetivação dessa relação.

Os dados analisados evidenciam a importância de ser ter uma classe dentro dos hospitais e infelizmente não é isso que presenciamos, visto que Pernambuco só possui uma classe hospitalar e tem cerca de 17 hospitais de referência, os quais atendem crianças e adolescente em idade escolar.

Uma ressalva importante é que a classe hospitalar que foi observada neste trabalho é a única do Estado desde que foi implantada em 2014. A partir do dia 10 de junho de 2022, a classe foi ampliada para atender também os anos finais do ensino fundamental e vai se expandir para outros hospitais. Passou a se chamar “ESCOLA MUNICIPAL EM TEMPO INTEGRAL HOSPITALAR” e vai contar com diversos profissionais como diretora, vice, coordenador etc.

Ressalta-se aqui a importância do trabalho do pedagogo em todas as suas áreas de atuação. Visto que esse profissional tem papel relevante também no ambiente hospitalar, pois atua como um mediador interagindo com toda equipe multidisciplinar. No entanto, apesar dessa relevância, não foram encontrados pedagogos atuando nesses espaços, nos hospitais pesquisados.

Essa é uma falha grande, pois apesar da função estar sendo exercida por profissionais e voluntários, competentes e comprometidos com sua prática, o pedagogo não está ainda ocupando um espaço que lhe compete e para o qual recebeu formação adequada. O presente trabalho exterioriza fatos que podem ser atribuídos como ponto de partida para impulsionar reflexões sobre o modo como deve ser garantido os direitos das crianças e adolescentes, nesse caso o direito à educação.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRASIL, (1977). Ministério da Saúde. **Definições e Normas das instituições e serviços de saúde**. Diário Oficial da União de 5/4/1977 – Seção I, Parte I, p. 3929.
- BRASIL, (1994). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF (Mensagem especial, v. 1).
- BRASIL, (2002), Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em 10 de junho de 2017.
- BRASIL, (2015). Decreto Nº 28.622 de 06 de março de 2015. Institui a Classe Hospitalar na Rede Municipal de Ensino do Recife.
- BRASIL, (2015). Instrução Normativa nº 10/ 2015 - Diário Oficial 03/10/2015 Dispõe sobre normatização do atendimento pedagógico-hospitalar no município de Recife para estudantes em tratamento e doenças crônicas e dá outras providências.
- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF (Mensagem especial, v. 1).
- CABREIRA, Luzia Grandini. **O professor e sua prática no ambiente hospitalar**. UEM, 2007. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-545-12.pdf> Acesso em 13 de maio de 2018.
- CASTRO, Marleisa Zanella. **Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas**. Org MATOS, E. L. M., **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memmon, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. Suisse: Institut International des Droits de l'enfant-IDE, 2005.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é Pedagogia**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GUEBERT, Mirian Celia Castellain. **Inclusão: uma realidade em discussão**. 2. ed. rev. / Mirian Célia Castellain Guebert. – Curitiba: Ibepex, 2007.

GONH, Maria da Glória M. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projeto sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

LA BELLE, Thomas **Nonformal Education** in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution? New York, Praeger. 1982.

LOIOLA, Fernanda Cristina. **Subsídios para a educação na perspectiva da educação inclusiva**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHA, Andréa Sathler Heringer. SOUSA, Inácia Neta Brilhante. **Cartilha Informativa: Pedagogia Hospitalar**. Imperatriz – MA: Etos Editora, 2012.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classe hospitalares**: o espaço pedagógico nas unidades de saúdes. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender** (3a ed.). (E. G. M. Machado & M.P Andrade, Trad. s) Belo Horizonte, 1975: Interlivros (Original publicado em 1969)

SILVA, Neiton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **Classe hospitalar no mundo: um desafio infância em sofrimento**. Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandramaia-hospitalar.htm. Acesso em 26/08/2020.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

Características da atuação do pedagogo na classe hospitalar: um estudo em Hospitais do Recife/PE

1. Sigla de identificação do profissional:
2. Idade
3. Gênero
4. Tempo de atuação em classe hospitalar
5. Formação Acadêmica - graduação
6. Formação complementar – Lato Sensu (Especialização) e Stricto Sensu (Mestrado e/ou Doutorado).
7. Que tipo de formação complementar um pedagogo precisa ter para atuarem classe hospitalar?
8. Como é feito o planejamento dos conteúdos a serem desenvolvidos com os alunos?
9. Há regulamentação de instituições da educação ou do estado que autorizem e regulamentem o funcionamento da classe hospitalar?
10. De que maneira é realizada a avaliação dos alunos?
11. Existe autonomia para realização da avaliação? É necessária uma autorização do estado/município?
12. As classes hospitalares são homogêneas ou heterogêneas em faixas etárias e níveis de aprendizagem? Explique com suas palavras.
13. Em se tratando de classe heterogênea, como é possível trabalhar com crianças de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem?

14. Quais as principais dificuldades encontradas no desempenho das atividades na classe hospitalar?

15. Quais suporte é dado pelas unidades hospitalares para que o processo de ensino-aprendizagem possa ser operacionalizado?

16. Quais as diferenças entre a atuação do pedagogo em classe hospitalar em instituições de saúde em relação a atuação na educação regular?